

Mapeando as Relações Interorganizacionais na Teoria Organizacional: Garimpando os Principais Periódicos Brasileiros sobre Gestão.

Autoria: Cleverson Renan da Cunha, Alexandre de Pádua Carrieri

Resumo: Este artigo busca fazer uma análise preliminar dos caminhos percorridos pelos estudos interorganizacionais no Brasil: quais os temas eleitos como relevantes e a sua predominância no contexto da área de administração. Para tanto, examinaram-se os artigos publicados nas principais revistas sobre gestão: Organizações & Sociedade (O&S), Revista de Administração Contemporânea (RAC), Revista de Administração de Empresas (RAE), Revista de Administração Pública (RAP), Revista de Administração da USP (RAUSP) durante um período de dez anos – 1993 a 2002. Buscou-se, então, apresentar um retrato inicial do campo, sugerir pontos para reflexão dos seus atores e, portanto, servir de estímulo a investigações futuras mais aprofundadas.

I. Introdução

A diversidade e a fragmentação nos estudos organizacionais tem levado a várias tentativas de pesquisadores em buscar mapear esse campo de conhecimento. O objetivo inicial deste trabalho é apresentar um retrato do campo dos estudos interorganizacionais, sugerindo pontos para reflexão dos seus atores e portanto, buscando servir de estímulo a investigações futuras mais aprofundadas.

Apesar do desenvolvimento dos estudos interorganizacionais no mundo, principalmente na Europa e Estados Unidos, pouco se sabe sobre este campo de estudo no Brasil. Nesse sentido, o presente artigo busca fazer uma análise preliminar da evolução desses estudos no Brasil; os temas eleitos como relevantes, e a sua predominância no contexto da área de administração. Para tanto se examinaram os artigos publicados nos principais periódicos da área de administração nos últimos dez anos: Organizações & Sociedade (O&S), Revista de Administração Contemporânea (RAC), Revista de Administração de Empresas (RAE), Revista de Administração Pública (RAP), Revista de Administração da USP (RAUSP), num total de 1463 artigos.

Mesmo pela importância do ambiente e do aumento da interação entre empresas, as pesquisas e trabalhos sobre as organizações têm como foco principal, em sua maioria, as relações desenvolvidas de forma individuais pelas empresas, em detrimento da análise do contexto social (SELEME; ORSATO, 1990). Mesmo que, desde as Teorias do Sistema e da Contingência, o ambiente tenha ganhado destaque como um elemento da mais alta importância nos estudos organizacionais, ainda hoje, os estudos das relações interorganizacionais, isto é, a gestão da interação entre as organizações é menosprezada no sentido de estar centrada e partindo de uma organização principal, sem se preocupar com as interligações mais extensas estabelecidas por duas ou mais empresas para uma melhor compreensão e atuação no ambiente competitivo atual.

Assim temas hoje considerados importantes no Brasil como fusões, aquisições, alianças estratégicas, formação de redes, parcerias, entre outros têm figurado há muito tempo e constantemente nas listas de investigação de pesquisadores do resto do mundo. Esses estudos trazem como resultado pesquisas teóricas e práticas no nível de análise interorganizacional para se entender este fenômeno e oferecer melhores conhecimentos aos tomadores de decisão e, conseqüentemente, aumentar as chances de sobrevivência das organizações. Isto é confirmado por Zuckerman (1995), para quem, o crescimento da turbulência ambiental, tem obrigado as organizações ao redor do globo formar alianças

cooperativas como mecanismos interorganizacionais de adaptação, entre outros, para poderem competir neste novo mercado.

Para esse trabalho entende-se como relações interorganizacionais as transações, fluxos e ligações de recursos relativamente duradouros que ocorrem entre duas ou mais organizações (OLIVER, 1990). Neste sentido, a existência de contatos inter-relacionais implica que as organizações envolvidas desenvolvam processo de escolha do grupo de interação com aqueles que são relevantes no conjunto de organizações.

II. As relações interorganizacionais: um campo de conversações teóricas

Apesar da importância do ambiente e do aumento da interação entre empresas, a maioria dos pesquisadores/cientistas sociais que estudam as organizações o faz tendo por foco organizações individuais, em detrimento da análise do contexto social (SELEME; ORSATO, 1990). Mesmo aqueles que utilizam a sua argumentação baseados nas abordagens sistêmica e contingencial, o fazem com a visão centrada na organização focal, sem se preocupar com as interligações mais extensas. Como evidencia Aldrich (1971), muitas das questões de interesse dos sociólogos organizacionais de hoje requerem uma perspectiva que possibilite o estudo não somente das questões internas das organizações, mas também das forças presentes em seu ambiente e a descrição dos limites organizacionais.

Para Auster (1994), três níveis de análise podem ser encontrados nas perspectivas teóricas dominantes das pesquisas interorganizacionais, que inclui o foco no nível individual, no nível organizacional e nos grupos organizacionais. A autora congrega neste último, segmentos de mercado, grupos estratégicos, populações e comunidades.

É importante notar que apesar das distinções gerais serem claras, os limites específicos entre os níveis são mais difíceis para delinear. Os níveis de análise mais altos são mais ambíguos, particularmente nas formas de conglomerados internacionais, embora distinções possam ser feitas (AUSTER, 1994, p. 26).

A FIG. 01 mostra uma matriz de células representando pesquisas em todos os níveis de análise e entre esses, com variáveis dependentes e independentes. As linhas representam pesquisas com variáveis independentes em cada nível de análise. Colunas mostram as possibilidades desenvolvidas com variáveis dependentes. As setas e o tempo na parte superior da tabela ressaltam a perspectiva de pesquisas com cortes longitudinais.

A expansão das unidades de análise podem ser aplicadas entre perspectivas, mas também servem como uma abordagem integrativa porque permite o surgimento de questões novas que não são percebidas quando estudadas de forma separada. Auster (1994: 28) define o nível individual de análise como sendo o “estudo de como as pessoas afetam as ligações interorganizacionais e os efeitos das ligações interorganizacionais sobre os indivíduos”. Estudos neste nível e suas interações podem abranger aspectos cognitivos, demográficos, as redes, a experiência e o conhecimento funcional, a difusão de inovação nas relações interorganizacionais ou a natureza e os efeitos das forças institucionais em um processo duplo de causa e efeito. O nível organizacional focaliza-se nas características organizacionais e seus relacionamentos para criação, gerenciamento, manutenção, persistência e fracasso nas relações interorganizacionais e vice-versa trabalhando com questões como: motivação organizacional para criação de parcerias, a escolha do parceiro, a negociação da parceria e as diferentes formas de ligações.

O conceito de agrupamento organizacional varia de acordo com a abordagem de estudo adotada. Áreas de pesquisas neste nível de análise pode incluir: diferenciação, predominância, transformação e sucesso de diferentes formas de ligação dentro e entre

grupos; alcance de informações entre os diferentes grupos; a composição dos conjuntos organizacionais; a estrutura das redes dentro do grupo ou da população e relações de poder.

Perguntas de pesquisa tipo: “como as características ambientais afetam a formação e a transformação das ligações entre a população sobre o tempo” e “quais são os impactos das políticas governamentais sobre a formação e evolução de alianças” ou “como as diferentes configurações da rede afetam a população, a transformação e mudança industrial” estão presentes neste nível de análise. Para Auster (1994) o estudo interpopulações oferece outro rico angulo embora eles não podem ser discutidos como um nível completamente diferente porque populações e espécies podem estar interconectadas.

Diversos conjuntos teóricos (FIG. 02) têm surgido com o intuito de compreender as variáveis relativas a análise interorganizacional. Dentre esses, oito perspectivas podem ser destacadas: teoria da troca, ecologia organizacional, dependência de recursos, redes sociais, redes cooperativas, perspectiva estratégica e teoria institucional. Apesar de cada uma ter uma preocupação específica, não são teorias estanques, tendo seus postulados sido compartilhados em alguns casos, até mesmo, devido à limitação inerente de cada teoria. É possível ver alguns exemplos de integração teórica, tais como custos transacionais e redes cooperativas (BRITTO, 2000), redes sociais e teoria da troca (COOK; YAMAGISHI, 1992), redes sociais e redes cooperativas (AMORIN, 1999). A adequação de cada teoria relacionada com o objetivo de investigação do pesquisador. Por exemplo, para entender as trocas sociais em um ambiente, a teoria da troca e a de redes sociais podem ser mais adequadas, o que não seria verdade se o interesse de pesquisa fosse analisar a formação de oligopólios na economia. De maneira geral, pode-se observar na construção desse referencial teórico que as recentes pesquisas internacionais têm crescido na perspectiva estratégica e na de custos transacionais. Todavia os trabalhos de ligação doméstica entre as empresas, se baseiam principalmente na dependência de recursos, na teoria de redes cooperativas e sociais, na teoria da troca e na teoria da ecológica.

Nohria (1992) apresenta três razões para o aumento o interesse nas relações interorganizacionais: (1) a crescente exposição das organizações a ambientes mais competitivos nas últimas décadas, exigindo a reestruturação das antigas formas organizacionais marcadas pela hierarquia, para novas formas mais flexíveis e capazes de se adequarem mais rapidamente aos novos padrões. (2) O recente desenvolvimento tecnológico que tem tornado possíveis processos de produção mais flexíveis e espacialmente desintegrados. (3) E, por fim, a maturação da rede como disciplina acadêmica.

Já Whetten (1981) destaca quatro abordagens tradicionais que se propõem ao estudo do relacionamento advindo desta interdependência (FIG. 03). Para ele, o fenômeno das relações interorganizacionais tem despertado a atenção de diversas disciplinas, pois cada grupo de interesse tem encontrado uma faceta diferente para aprofundar o seu estudo neste nível de análise.

Analisando-se o FIG. 03 é possível perceber a diferença de abordagem em função da alteração do campo do conhecimento adotado. Esta decisão influi, diretamente, desde a escolha do método de pesquisa, até seus objetivos. Por exemplo, pesquisas com a orientação de marketing têm primariamente examinado as ligações verticais entre organizações comerciais, como por exemplo, canais de distribuição. Já na administração pública o interesse maior está nas relações horizontais entre os diversos membros do setor público e da sociedade. Galaskiewicz (1985) exemplifica esta afirmação ao considerar que enquanto economistas estão interessados nas imperfeições do mercado e suas aberrações, sociólogos vêem como ponto central o processo de obtenção e alocação de recursos.

O conjunto teórico apresentado por Evan (1978) nos ajuda a compreender as diversas formas de relações existentes entre as empresas. Suas idéias fundamentam-se nas proposições do modelo sistêmico, que começa com o postulado de que as organizações são sistemas “abertos” e que necessariamente desenvolvem diversas modalidades de troca com o ambiente, permitindo três níveis de análise: o subsistema na organização, o sistema organizacional e o suprasistema.

Considerando-se o subsistema como entidade de estudo, pode-se compreender as interações dos atores nas várias sub-unidades da organização. Com o sistema organizacional, pode-se analisar (a) o sistema cultural, seus valores e objetivos; (b) os componentes estruturais, que consistem nos vários relacionamentos entre as subunidades; e (c) os componentes tecnológicos. No nível do suprasistema de análise, percebemos as necessidades das organizações, suas redes de interações e as ligações da organização com várias outras no seu ambiente, podendo ser:

- (a) **Diádica** - é aquela na qual a organização focal A interage com B sendo B uma organização individual ou uma classe de organização.
- (b) **Ligação em roda** - a organização focal interage com mais de uma organização de um tipo particular, porém não existe intenção mútua entre os outros membros.
- (c) **Rede de múltiplos canais** - todos os membros do conjunto interagem entre si e cada um interage com a organização focal.
- (d) **Ligação em corrente** - cada membro do conjunto está ligado em série com a organização focal e existe contato somente na primeira ligação.

O diagnóstico das propriedades formais dos pontos de ligação dos conjuntos organizacionais pode levantar questões concernentes ao relacionamento entre as propriedades formais e o modelo de interação entre a organização focal e os seus membros do conjunto de entradas e saídas. Provavelmente, cada uma das propriedades formais tem alguns reflexos nos processos internos e externos da estrutura da organização focal, como na formação das suas subunidades, da criação das novas normas organizacionais e na articulação de seus objetivos.

Para Galaskiewicz (1985), três arenas das relações são identificadas e estudadas: arena da procura e alocação de recursos, defesa política e legitimação organizacional. A primeira está relacionada com a procura de facilidades, materiais, produtos ou, de forma geral, com a sobrevivência da organização, sendo este o objetivo principal do desenvolvimento das relações interorganizacionais. A defesa política procura usar o poder do sistema social amplo para tornar as normas institucionalmente construídas mais favoráveis a si. Bem diferente das perspectivas anteriores, a arena da legitimação busca a adequação dos objetivos organizacionais e a sua operacionalização, à aceitação da comunidade. Considerável atenção é direcionada para a melhoria da imagem por meio das relações públicas.

Assim sendo, este trabalho que tem como foco garimpar os estudos sobre gestão mapeando os trabalhos interorganizacionais procurou também refletir como abordar metodologicamente o estudo desse tema nas principais revistas da área de gestão e para isso deparou-se com uma grande quantidade de artigos que deveriam ser entendidos e analisados.

III. Caminhos percorridos: um mosaico de artigos

Para esse trabalho foram pesquisados todos os artigos das principais publicações da área de administração nos últimos dez anos. Foram pesquisadas as revistas: Organizações & Sociedade (O&S), Revista de Administração Contemporânea (RAC), Revista de

Administração de Empresas (RAE), Revista de Administração Pública (RAP), Revista de Administração da USP (RAUSP), totalizando 1463 artigos, conforme TABELA 1.

Foram lidos, como primeira instância da coleta de dados, o título, as palavras-chaves e o resumo de cada artigo. Ao se perceber alguma indicação da abordagem das relações interorganizacionais, o artigo todo foi fichado e examinado, inclusive as referências bibliográficas. Após a leitura, foi feita a classificação de cada artigo pelos temas principais abordados, a metodologia básica empregada (análise teórica, estudo de caso, *survey*, experimento) o tipo de ligação estudada (diádica, ligação em roda, rede de múltiplos contatos e ligação em corrente) e a abordagem de pesquisa (sociologia, administração pública, marketing ou economia). Inicialmente foi preservada a classificação feita pelo autor e/ou revista, podendo um mesmo artigo ser classificado em mais de um assunto.

Somente as edições regulares foram examinadas. Notas, discussões e revisões de livros foram excluídos desta investigação. A separação entre os tópicos de estudo teve por base não apenas o que é usualmente definido como *main stream*, mas também a perspectiva utilizada nos estudos brasileiros, no sentido de propor novas inter-relações teóricas, novas conversações com as perspectivas dominantes ou apenas uma aplicação direta das abordagens estrangeiras.

Dentre as revistas analisadas a RAP e a RAE são as que possuem o maior número de artigos (465 e 349 respectivamente) influenciado principalmente pela quantidade de números de cada volume. A RAC tem o menor número (158) em função de o seu primeiro exemplar ser de 1997. Valor bem próximo (201) foi encontrado na O&S. Apesar de ter dez anos, essa revista no início era semestral e com uma quantidade reduzida de artigos nos primeiros números. Com a melhor definição do objetivo e da política de publicação de cada veículo, os números de cada volume passaram a sofrer menos variação, o que pode ser identificado com a análise dos últimos anos.

IV. Um retrato atual dos estudos interorganizacionais no Brasil

A TABELA 2 mostra as revistas analisadas em relação ao ano e os números de artigos. Dos 1463, somente 135 artigos (9,2%) relacionam-se com a abordagem interorganizacional, apresentando uma tendência de elevação nos últimos anos, em grande parte influenciada pela adoção de novos arranjos organizacionais. Merece destaque a publicação de 13 artigos no ano de 2002 pela RAP, com o lançamento de um número especial sobre o tema intersectorialidade, com estudos empíricos e teóricos sobre administração pública.

Pode-se também observar que as revistas que mais possuem artigos ligados ao tema deste trabalho são a RAP (36) e a RAUSP (35). Em termos relativos, a RAUSP (12,1%) e a RAC (12,0%) apresentam quase 50% a mais de artigos que as outras revistas.

Os principais temas (no caso sei temas) abordados estão relacionados na FIG. 04. O principal assunto identificado foi **Redes**, com múltiplos significados e utilizações. Por exemplo, a revista O&S aborda principalmente redes públicas. Na RAC, encontra-se o termo redes para designar cadeias de suprimentos, redes sociais e redes de pesquisadores. Redes de empresas e sistema de produção foi encontrado na RAE. Na RAP, redes foi analisada fundamentada no conceito de redes sociais. Na RAUSP esse tema designou desde um pool de empresas à relações de organizações do terceiro setor.

O segundo tema mais abordado foi **Parceria**. Esse termo também foi usado com diversos significados, porém, não tão distintos quanto o da rede. O mais importante, como



sinônimo de alianças estratégicas, presente em quase todas as revistas. O termo parceria também foi empregado como a relação especial existente entre o setor público e o privado.

A **Terceirização** foi um outro assunto de destaque. A preocupação principal identificada foi a de apresentar as vantagens e desvantagens de seu uso pelas empresas públicas e privadas, inclusive com exemplos práticos. Nos últimos anos já foi possível encontrar considerações críticas à adoção da terceirização.

O tema **Cooperação**, assim como parceria, esteve quase sempre acompanhado do assunto inovação tecnológica, relação público/privado, presente tanto nos estudos da área privada, pública ou do terceiro setor. O sentido principal desse assunto é o de descrever um relacionamento onde todos os envolvidos participam do processo e são recompensados por suas ações em detrimento de uma ação isolada. Sete dos onze artigos que tratam desse tema foram encontrados na RAUSP, e destes, cinco abordam as relações empresa/universidade.

O tema **Estratégia** também apareceu. Na verdade, observou-se uma complexidade desse tema, pois nos artigos analisados, mais precisamente em onze artigos, apareceu o **processo de elaboração, implementação e análise de estratégias** entre organizações. Foram encontrados tantos textos prescritivos como analíticos envolvendo inclusive alianças internacionais.

Dentre os temas principais, **Políticas públicas**, foi o que apresentou maior concentração: oito casos na RAP e dois casos na O&S. A questão pública também é abordada por outros periódicos, porém nessas duas revistas recebe maior atenção. Saúde pública, administração municipal, terceirização e parcerias são assuntos encontrados nos artigos que abordam as políticas públicas.

Os principais temas abordados pela O&S foram os processos de aquisições, redes e o terceiro setor, sendo os dois últimos encontrados de forma integrada. Isto é, foi na perspectiva teórica de redes, onde atores sociais distintos se unem para a realização de objetivos em comum. A falta de padronização na identificação dos termos-chave dificultou uma análise global dos assuntos dessa revista. Apesar da preocupação central desse veículo estar voltada para o estudo das relações entre as organizações e a sociedade, em especial para o poder público local, foi possível identificar vários outros assuntos ligados à economia das empresas.

A RAC foi a revista que apresentou a maior diversidade de temas. Dos 19 artigos encontrados sobre relações interorganizacionais, não foi possível encontrar nenhum tópico que superasse os demais. Os assuntos agronegócios, indústria automobilística, redes, *Supply Chain Management* e terceirização aparecem em três artigos. Nessa revista é possível identificar que a maioria dos artigos está voltada para aspectos práticos, voltados para a compreensão ou aplicação das estratégias das empresas fundamentados em estudos aplicados.

A RAE possui um sistema de enquadramento dos assuntos que facilitou a análise dos dados por ser mais constante no tempo. Parece existir uma padronização (não é possível perceber se por parte dos editores ou dos autores) da identificação das palavras-chave. Dois temas aparecem em destaque: a terceirização e estratégia. No primeiro, os motivos que levam as empresas a terceirizar e seus impactos são destacados. No segundo, o processo de formação e implementação das estratégias é abordado com um sentido mais prático, principalmente visando o aumento da competitividade.

Já na RAP, a elaboração, implementação e análise de políticas públicas é o tema principal. A teoria de redes está presente em boa parte das discussões sobre a ação pública. A interação e integração entre os setores têm recebido destaque nessa revista, com destaque

para os órgãos reguladores, a questão da intersectorialidade, as incubadoras de empresas e a definição de políticas sociais.

A cooperação ligada ao processo de inovação tecnológica e ao sistema de produção e distribuição está presente na RAUSP. Os artigos presentes nessa revista abordam principalmente questões ligadas às empresas privadas, mas as públicas também estão presentes, com destaque para as questões aplicadas. Seu foco de ação é mais amplo inclusive por causa da quantidade de artigos publicados.

Pela TABELA 3 pode-se observar a metodologia principal de pesquisa utilizada nos 135 artigos relacionados ao tema interorganizacional. Evidencia-se que a maioria (57,8%) é baseada em estudos de casos. Destes, boa parte os casos são usados mais como exemplos do que uma ferramenta analítica. É possível identificar poucos estudos múltiplos de casos ou comparativos. Em muitas situações o caso é somente descrito, sem existir entrevistas e análises de documentos mais aprofundados. Outro dado importante é a falta de estudos longitudinais, que poderia descrever a evolução das relações interorganizacionais ao longo dos anos. O estudo de caso se mostrou a metodologia principal na RAUSP, na RAC e na O&S.

A TABELA 3 ainda revela que a reflexão teórica sobre o tema é de 35,5%, ou seja, há um número significativo de autores brasileiros que estão buscando fazer uma crítica teórica com base em autores estrangeiros e mesmo nacionais, buscando fazer o que FISCHER; MAC-ALLISTER (2001: 256) denominam de uma “comunidade de discurso”:

“Uma comunidade de discurso” consiste num conjunto de atores sociais que se formam a partir de grupos de interesses com padrões de convivência; perseguem agendas específicas e mantêm uma dinâmica de produção e difusão do conhecimento entre os pares, que servem de referência.”“.

Apesar do grande número de análises teóricas, a maior parte se limita a revisão de teorias tradicionais com pouca contribuição criativa. Apesar do caráter mais aplicado da RAE, esta apresenta 58,3% de estudos teóricos.

Ainda, segunda essa mesma TABELA 3 observa-se que 5,9% usam-se do *Survey* para realizar a sua pesquisa. Todavia o uso dessa metodologia esteve presente principalmente na RAE (cinco artigos) e com dois artigos na RAC e um na RAUSP. Ela foi aplicada principalmente no estudo das relações entre fornecedores e clientes ou da cadeia de suprimentos. Também foi observada uma simulação laboratorial baseado nos conceitos da *Supply Chain Managent*.

Pela TABELA 4 pode-se evidenciar as principais abordagens teóricas usadas pelos autores dos artigos na construção de seus trabalhos. Observa-se que a principal abordagem teórica se fundamenta em temas econômicos (71,1%) como custos de transações, economia de recursos, decisão entre mercado x hierarquia, terceirização, cadeia de valor dentre outras com destaque para as relações entre duas empresas de setor diferentes. É interessante destacar que, com exceção da RAUSP, todas as outras revistas analisadas a maioria dos artigos são baseados nas questões econômicas.

A segunda abordagem mais adotada foi a Administração Pública (15,6%), ou seja, questões referentes ao poder público local, formação de redes públicas, agências reguladoras, consórcios intermunicipais, descentralização administrativa além da coordenação entre os diversos setores. Aqui, além das relações diretas entre duas organizações, esteve presente em grande número a relação em rede, isto é, a existência de contatos múltiplos entre dos diversos membros participantes.

A terceira abordagem baseia-se no Marketing, com 10,4%. Nessa abordagem engloba-se o estudo de cadeias de distribuição e a logística, sempre numa perspectiva vertical, com destaque para as ligações em corrente.

Por fim a quarta construção teórica, que se fundamenta na Sociologia apresentou somente quatro artigos. Nessa abordagem o que se busca são as características das sociedades, a variedade de organizações, com uma preocupação mais macro ou societal.

Na TABELA 5 pode-se identificar os principais tipos de relações encontradas. Na relação **diádica** a preocupação maior está na ligação entre dois parceiros que pode ser uma indústria e um distribuidor ou uma prefeitura e uma organização não governamental. Na **ligação em roda** existe uma organização focal que faz a ligação entre todos os outros membros, como uma montadora de automóveis e seus fornecedores. Na **rede** existe a possibilidade de relacionamento entre todos os membros, podendo ou não ter uma organização centralizadora. Já na **ligação em corrente** existe três ou mais organizações envolvidas em um processo, como por exemplo, um produtor, um distribuidor e um varejista.

A principal ligação encontrada foi a de **rede**, influenciada principalmente pelas relações no setor público e nas ligações entre esse e os setores privados e organizações não-governamental, com destaque para as publicações da RAP, com 42,1% do total de 57 artigos. Os temas principais encontrados nessas ligações são: gestão de serviços públicos, relações intersetoriais, redes de empresas, incubadoras de empresas, agências reguladoras, complexos industriais, consórcios entre outros.

A **relação diádica** também esteve presente em 34,8 % dos artigos, principalmente os estudos das alianças estratégicas, terceirizações assim como nos processos de fusões e aquisições. Já a **ligação em roda** esteve presente em 15,4% dos artigos, com destaque para relações no setor público, franquias, cadeias de suprimentos e algumas relações intermediadas pelas agências reguladoras. Por fim, a **ligação em corrente** foi observada somente em 7,4% dos artigos, em especial nas cadeias de distribuição e logística.

V. Considerações Finais

Tendo como objetivo aprofundar o conhecimento sobre os estudos das relações interorganizacionais brasileiros, no sentido de conhecer como estão sendo abordadas as interações entre organizações pode-se observar que, nos dez anos de dados analisados, esses estudos têm se concentrado mais nas características organizacionais e seus relacionamentos para criação, gerenciamento, manutenção e fracassos nas ligações entre empresas envolvendo a descrição do relacionamento, os motivos de sua formação e a escolha dos parceiros.

Dentre as quatro abordagens apresentadas por Whetten (1981) a perspectiva econômica é que tem despertado maior interesse aos pesquisadores brasileiros, principalmente por ser esse um conceito amplo, envolvendo desde a motivação para a criação de uma parceria até a avaliação de suas conseqüências. Essa abordagem se preocupa principalmente com a economia de custos e consecução de objetivos de forma econômica influenciado pelo caráter pragmático presente nos estudos organizacionais dos últimos anos. Assim, dentro das arenas das relações, abordado por Galaskiewicz (1985), os estudos das relações interorganizacionais no Brasil parecem estar mais preocupados com a alocação de recursos, como se percebe pela proeminência dos temas econômicos.

Um outro ponto observado é que, apesar da rede ser tipo de ligação interorganizacional principal nos estudos, esta não tem sido analisada de forma profunda. O que se percebe nas pesquisas brasileiras é a utilização da rede como uma forma de exemplificar-se as análises, sendo a maioria dos trabalhos muito superficiais.

Com exceção da RAP, que tem no estudo dos temas ligados a administração pública e às organizações não governamentais seu objetivo principal, falta aos outros veículos definição

mais clara de seus propósitos quanto aos estudos das relações interorganizacionais. Se por um lado a diversidade permite a abordagem de várias áreas por outro lado não influencia o desenvolvimento e o aprofundamento dos temas.

Pode-se, então, concordar com Rodrigues; Carrieri (2000: 13) que apontam em seu estudo sobre influência anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros que embora tenha sido possível identificar interesses comuns em termos do que é discutido nos estudos interorganizacionais nas pesquisas aqui realizadas, parece haver uma diferença fundamental na maneira em que os temas são abordados. Aparentemente os autores brasileiros não se sentem obrigados em referir a trabalhos prévios na forma em que é exigido por periódicos americanos e britânicos. Assim, autores considerados “clássicos”, isto é, cujos trabalhos são considerados relevantes na área como os de Arrow (1974), Pfeffer; Salancik (1978), Aldrich (1979), Burt (1980), Axelrold (1984), Argyle (1991), Ring; Van de Ven, (1992; 1994), Ebers (1997), não têm a devida atenção nos artigos analisados dos periódicos nacionais (CUNHA, 2001).

Quanto à metodologia adotada nos estudos das relações interorganizacionais percebe-se que a proliferação de estudos de caso não tem contribuído, como era de se esperar, para uma análise mais profunda de cada relação uma vez que em boa parte dos trabalhos, os casos são usados mais como exemplos do que uma ferramenta analítica que permite responder as perguntas: O quê? E como? (Yin, 2001), nem tampouco fazer generalizações teóricas como se propõem os estudos de casos. Mesmo existindo 48 estudos essencialmente teóricos, poucos exemplos são encontrados que tentam apresentar teorias inovadoras e criativas. A maioria se propõe apenas a fazer uma revisão teórica sobre o assunto sem grandes avanços. A existência de poucos estudos quantitativos evidencia a falta de conclusões que podem ser generalizados para outras situações e a falta de desenvolvimento do tema uma vez que pesquisas consistentes que fazem uso dessa metodologia precisa de testes e reaplicações para a criação e validação de escalas (CRESWELL, 1994; PASQUALI, 1999).

A elaboração de números especiais, como o da RAP em 2000 e de outras revistas internacionais dedicadas ao estudo das relações interorganizacionais ou temas ligados pode ser uma forma de incentivar o desenvolvimento de pesquisas na área. Diversos encontros científicos, como por exemplo os ENEOs (Encontros de Estudos Organizacionais), já possuem temas específicos sobre relações interorganizacionais. O que tende a influenciar a elaboração de estudos, a identificação com a área e a troca de experiência entre pesquisadores com interesse comum. Uma outra oportunidade ao desenvolvimento do tema e aprofundamento das pesquisas sobre esse campo de estudo é a criação de programas de pesquisas específicos em instituições de ensino, como o que já existe de forma tímida na Bahia e no Paraná.

Bibliografia

1. ALDRICH, H. **Organizations & environments**. Englewood Cliffs : Prentice-Hall, 1979.
2. AMORIN, C. G. **Intensidade do relacionamento interorganizacional no setor turístico de Curitiba, PR**. Curitiba, 1999. Dissertação (Mestrado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.
3. ARGYLE, G. W. **Cooperation: the basis of sociability**. London: Routledge, 1991
4. ARROW, K. **The limits of organizations**. New York : Norton, 1974.
5. AUSTER, E. R. Macro and strategic perspectives on interorganizational linkages: a comparative analysis and review with suggestions for reorientation. In SHIVASTAVA, P.; HUFF, A. S. e DUTTON, J. E. **Advances in strategic management:**

- Interorganizational relations and interorganizational strategies. Vol. 10b. Greenwich, Connecticut : JAI Press, 1994.
6. AXELROLD, B. **The evolution of cooperation**. New York : Basic Books, 1984.
 7. BRITTO, J. **Redes de Firmas: *modus operandi* e propriedades internas dos arranjos inter-industriais cooperativos**. Rio de Janeiro : FEA/UFF, 2000. (mimeo)
 8. BURT, R. S. Models of network structure. **Annual Review Sociological**. v. 6. 1980. p. 79-141.
 9. COOK, K. S.; YAMAGISHI, T. Power in exchange networks : a power-dependence formulation. **Social Networks**, v. 14, 1992, p, 245-265.
 10. CRESWELL, J. W. Research design: qualitative e quantitative approaches. London: Sage, 1994.
 11. CUNHA, C. **Mudanças ambientais e estrutura de relacionamento do corredor de transporte centroleste**. Curitiba: UFPr, 2001. (Dissertação de Mestrado)
 12. EBERS, M. The formation of interorganizational networks. oxford: Oxford University Press, 1997.
 13. EVAN, W. An organizational-set model of interorganizational relations. In: **Inter-organizational relations**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press: 1978.
 14. GALASKIEWICZ, J. **Interorganizational relations**. Annual Reviews. V. 11, 1985. Pag. 281-304.
 15. NOHRIA, N. Is a network perspective a useful way of studying organizations? In: NOHRIA, N. ; ECCLES R. G. (Eds) **Networks and organizations: structure, form, and Action**. Harvard Business School Press. Boston, Massachusetts, 1992.
 16. OLIVER, C. Determinants of interorganizational relationships: integration and future directions. **Academy of Management Review**. v. 15. n. 2. 1990, p. 241 – 265.
 17. PASQUALI, L. **Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração**. LabPAM; IBAPP: Brasília, 1999.
 18. PFEFFER, J; SALANCIK, G. R. The external control of organizations: a resource dependence perspective. New York: Basic Books, 1978.
 19. RING, P.S.; VAN de VEN, A. H. Developmental process of cooperative interorganizational relationships. **Academy of Management Review**, v. 19, p. 90-118, 1994.
 20. RING, P.S.; VAN de VEN, A. H. Structuring cooperative relationships between organizations. **Strategic Management Journal**, 13, p. 483-98, 1992.
 21. RODRIGUES, S. B.; CARRIERI, A P. A Tradição Anglo-Saxônica nos Estudos Organizacionais Brasileiros. In: **Anais do I ENEO**. Curitiba. Junho, 2000
 22. SELEME, A.; ORSSATTO, R. J. A construção social da realidade organizacional : a tradição macro-analítica dos estudos organizacionais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (XIV : 1990 : Belo Horizonte) **Anais**. Belo Horizonte: ANPAD, 1990.
 23. WHETTEN, D. A. Interorganizational relations: a review of the field. **Journal of Higher Education**. Vol. 52, n. 1, 1981. Pag. 1-28.

24. YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. Ed. Bookman: Porto Alegre, 2001.
25. ZUCKERMAN, H. Alliances in health care: What we know, what we think we know, and what we should know. **Health Care Management Review**. V. 20, N.01, 1995.

		Tempo ↗	Tempo ↗	Tempo ↗	Tempo ↗
VARIÁVEIS INDEPENDENTES	FATORES AMBIENTAIS	Regulamentações governamentais, cultura nacional e seus efeitos nos gerentes e nos tomadores de decisões	Efeitos econômicos e institucionais no sucesso das ligações	Características econômicas afetando a formação de consórcios industriais	Comparação inter cultural das políticas reguladoras das ligações
	AGRUPAMENTO ORGANIZACIONAL	O efeito da dinâmica competitiva sobre as redes individuais de gerentes engajados nas ligações	O efeito da dinâmica da competitividade na formação das ligações interorganizacionais	Padrões de diferentes formas de ligações pela categoria industrial	O efeito da competitividade das forças das indústrias nacionais na regulação das políticas nacionais pelas ligações
	NÍVEL ORGANIZACIONAL DE ANÁLISE	O efeito das características das ligações interorganizacionais nas atitudes e percepções dos empregados	O efeito das características organizacionais no sucesso das ligações	O efeito das características das ligações e evolução na dinâmica populacional	O efeito de diferentes formas de ligações de sucesso no ambiente institucional
	NÍVEL INDIVIDUAL DE ANÁLISE	Características dos limites e seus efeitos sobre as atitudes dos gerentes	O efeito das características da alta gerência no ciclo de vida da ligação	Efeitos na difusão de inovação na população indústria ou segmento de mercado	Os efeitos da ação política da alta gerência na regulação política nacional
		NÍVEL INDIVIDUAL DE ANÁLISE	NÍVEL ORGANIZACIONAL DE ANÁLISE	AGRUPAMENTO ORGANIZACIONAL	FATORES AMBIENTAIS

VARIÁVEIS DEPENDENTES

FIGURA 01: Pesquisa interorganizacional nos diferentes níveis de análise: exemplos ilustrativos do *main stream*.

Fonte: Adaptado de Auster (1994 : 27)

Perspectivas teóricas	Termos chaves	Origem do pensamento
Estratégia	Alianças Atitudes Cooperativas / Concorrenciais Arranjos Híbridos	Economia industrial
Teoria da troca	Trocas Sociais Estrutura Social Institucionalização Social Relações de Interesses	Sociologia
Ecologia organizacional	Sobrevivência Organizacional Variação/Seleção/Retenção Evolução no Tempo	Biologia Sociologia
Dependência de recursos	Cooperação Conflito de Interesses Interdependência Poder Sobrevivência	Ciência política Sociologia
Redes sociais	Interação Trocas Sociais Estrutura de Relacionamento Comunicação Normas	Sociologia
Redes cooperativas	Associações Interligações Mecanismos de Controle Parceria	Sociologia Economia
Institucionalismo	Mudanças Ambientais Legitimidade Isomorfismo Mimético, Coercitivo e Normativo	Sociologia
Custos de transação	Acordos Colaborativos Oligopólios Estrutura de Governança Domínio de Mercados	Economia Sociologia

FIGURA 02: Perspectivas teóricas das relações interorganizacionais

Fonte: CUNHA (2001: 45)

Orientação	Tipo de organização	Tipo de ligações	Assunto dominante	Tipo de pesquisa
Administração pública	Agência de serviços num sistema de entrega	Lateral Diádico	Aumentar a coordenação	Levantamentos
Marketing	Negócios ligados num “canal de distribuição”	Vertical Rede	Reduzir o conflito	Levantamentos
Economia	Negócios (ex.: as 500 maiores da <i>Fortune</i> , indústria química, etc)	Vertical e lateral Diádico	Expor ligações ilegais	Dados secundários - Estatística agregada
Sociologia	Todas as organizações de uma comunidade	Lateral Rede	Descrever todas as características das relações – especialmente distribuição de poder	Levantamentos e dados secundários

FIGURA 03: Quatro abordagens para pesquisa em relações interorganizacionais

Fonte: Adaptado de Whetten (1981: 2)

Tabela 1 – Número de artigos examinados por periódico

Periódicos\Anos	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total
O&S – Artigos	4	10	10	12	18	17	30	35	35	30	201
RAC – Artigos		-	-	-	19	23	22	25	41	28	158
RAE – Artigos	43	55	41	25	29	25	33	35	29	34	349
RAP - Artigo	38	46	52	48	50	57	43	52	44	35	465
RAUSP – Artigos	28	22	27	28	33	30	30	35	31	26	290
Nº Total de artigos	113	133	130	113	149	152	158	182	180	153	1463

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 02: Artigos publicados sobre relações interorganizacionais

Periódicos\Anos	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total
O&S – Artigos	1	1	-	1	-	2	2	1	3	4	15
Fascículos	1	2	2	2	3	3	3	3	3	3	
RAC – Artigos	-	-	-	-	2	4	3	2	4	4	19
Fascículos					3	3	3	3	4	3	
RAE – Artigos	3	3	4	2	5	3	3	2	2	3	30
Fascículos	6	6	6	4	4	4	4	4	4	4	
RAP - Artigos	1	-	2	2	2	2	8	13	2	4	36
Fascículos	4	4	4	6	6	6	6	6	6	6	
RAUSP – Artigos	2	4	3	6	1	5	5	-	4	5	35
Fascículos	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	
Nº Total de artigos	7	8	9	11	10	16	21	18	15	20	135

Fonte: Dados da Pesquisa

Assunto abordados/revistas	O&S	RAP	RAC	RAE	RA	Total
Redes	3	8	3	4	6	24
Parceria	0	7	2	2	4	15
Terceirização	0	3	3	6	0	12
Cooperação	1	2	1	0	7	11
Estratégia	0	2	2	6	1	11
Políticas públicas	2	8	0	0	0	10

FIGURA 04: Os Seis principais temas abordados nos principais periódicos brasileiros

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 3 – Número de artigos e metodologia principal usada

Periódicos\Anos	RAC	RAE	RAP	RAUSP	O&S	Total
Análise teórica	3	14	18	7	6	48
Estudo de caso	14	11	18	26	9	78
Simulação laboratorial	-	-	-	1	-	1
Survey	2	5	-	1	-	8

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 4 - Abordagens teóricas usadas pelos autores dos artigos

<i>Periódicos\Anos</i>	<i>RAC</i>	<i>RAE</i>	<i>RAP</i>	<i>RAUSP</i>	<i>O&S</i>	<i>Total</i>
<i>Administração Pública</i>	1	1	17	1	1	21
<i>Economia</i>	17	25	14	29	11	96
<i>Marketing</i>	1	3	5	2	3	14
<i>Sociologia</i>	-	1	-	3	-	4

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 5 - Principais Relações Interorganizacionais evidenciadas nos artigos brasileiros

<i>Periódicos\Anos</i>	<i>RAC</i>	<i>RAE</i>	<i>RAP</i>	<i>RAUSP</i>	<i>O&S</i>	<i>Total</i>
<i>Relação diádica</i>	9	13	6	15	4	47
<i>Rede em roda</i>	4	2	6	6	3	21
<i>Rede</i>	4	14	24	10	5	57
<i>Ligação em corrente</i>	2	1	-	4	3	10

Fonte: Dados da Pesquisa